

ABAIXO A LEI DE SEGURANÇA

LEI DE DEFESA DO CIDADÃO

No momento em que a Câmara Federal está considerando o projeto de lei de Defesa do Estado, com o qual o governo pretende por fim às garantias democráticas de que ainda goza o povo brasileiro, o Partido Socialista tomou corajosa atitude contrária à lei, ao mesmo tempo que apresentou um projeto de lei no sentido de garantir os cidadãos contra os abusos do poder executivo que, cada dia que passa, se transforma em verdadeiro poder policial a cercar os direitos assegurados a todos os cidadãos brasileiros.

O projeto, apresentado pela bancada socialista na

Câmara Federal, regulamenta o artigo 141 da Constituição Federal no que concerne ao direito de reunião, ameaçado pela nova lei de Segurança. Os deputados socialistas, dando uma demonstração do quanto o Partido Socialista se coloca na vanguarda da defesa das liberdades operárias, apresentaram um projeto de lei em que se definem as responsabilidades de todos os agentes do poder executivo no tocante ao cerceamento do direito de reunião, sujeitando aqueles que desrespeitem os direitos fundamentais do cidadão à pena de prisão de um a dois anos e à perda de cargo.

Folha Socialista

Diretores responsáveis:
Antônio Cândido e
Arnaldo Pedrosa d'Horta
Gerente:
Febus Gikovate

ANO II - 15 DE OUTUBRO DE 1949 - N.º 37
PREÇO DO EXEMPLAR — Cr\$ 0,50
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação:
Praça da Sé, 237 - 2.º and.
Telefone: 3-9784
SÃO PAULO — BRASIL

A GREVE DE CRUZEIRO

Os ferroviários e demais empregados da Rede Mineira de Viação, em Cruzeiro, no Estado de São Paulo, estão com os seus baixos salários em atraso de três meses. Se o traba-

hador vive mal, quando recebe os seus salários em dia, avalie-se o que se passa quando não o recebe. Mas os ferroviários da Rede não passavam fome, porque possuíam uma organização cooperativa de consumo, que lhes fornecia o alimento necessário. Mas os estoques da cooperativa se esgotaram. Houve um apelo para o pequeno comércio, que deu crédito aos trabalhadores.

No entanto, como o pagamento estava tardando, resolveram os comerciantes suspender os fornecimentos. Pairou a ameaça da fome os lares proletários. Nessa situação, as esposas e companheiras dos ferroviários resolveram agir. De manhã cedo, pegaram seus filhos, juntaram-se e encaminharam-se para a estação. Sentaram-se, com as crianças, no leito da estrada de ferro, e outras subiram à locomotiva do expresso que iria partir para a cidade de Soledade. O agente pediu que elas saíssem. Ficaram firmes. Ameaçou-as, mas de nada serviram as palavras. Veio a polícia, comandada por um sargento que lhes declarou que seria o fiador do pagamento dos salários. Muito baixo já caiu a administração pública, para que o seu fiador seja um sargento de polícia. As mulheres permaneceram em seus postos. Veio o prefeito da cidade e nada conseguiu. Elas não estavam cometendo nenhuma violência, não faziam nenhum apelo para que seus maridos, companheiros e pais abandonassem o serviço. Estavam dispostos a abandonar os trilhos da Rede Mineira, desde que a administração garantisse o fornecimento dos gêneros alimen-

tícios. Estavam defendendo a si e aos filhos da fome. A ação começou à seis horas de 22 de setembro último e durou quase quinze dias.

Até agora admiramos a atuação das milhares trabalhadoras dos mais adiantados países do mundo. Hoje, a nossa admiração deve ser dirigida às mulheres dos ferroviários de Cruzeiro, que, sem violência, espontaneamente, numa demonstração de solidariedade, paralisaram uma ferrovia, reivindicando o pronto pagamento dos salários atrasados, único meio de evitar a fome e a morte de seus filhos.

No regime capitalista, as empresas administradas pelo Estado descuram dos interesses e direitos dos trabalhadores, forçando-os a greves e a atos de defesa, levando as esposas e filhos a enfrentarem tudo para salvar os lares proletários da fome. No regime socialista, as empresas administradas pelo Estado estarão a serviço da população e dos trabalhadores e não haverá necessidade dessas ações. O programa do Partido Socialista Brasileiro adverte que nas empresas do Estado, mesmo no atual regime, os trabalhadores tenham participação na direção, pois dessa forma se evitarão as causas que levaram à ação as mulheres de Cruzeiro, às quais o Partido Socialista rende as suas homenagens e empresta toda a sua solidariedade.

(Lido ao microfone do R. Clube do Brasil no programa de 22-9-49 no programa do Partido Socialista).

A SITUAÇÃO DOS OPERÁRIOS DA CMTC

Convidados pela Comissão Prá-

o policiamento da rua Bráulio Gomes por inspetores do Departamento de Ordem Política e Social impediu que os funcionários da empresa fizessem a entrega do memorial solicitando aumento de salários. Informados de que os membros da comissão se achavam a distância, na rua Xavier de Toledo, em virtude do aparato policial, os dois vereadores para lá se dirigiram. Os trabalhadores informaram que alguns companheiros haviam sido presos, inclusive o signatário do memorial. Assinada a cópia do documento por outros membros da comissão, dirigiu-se a comitiva para os escritórios da companhia, na rua Bráulio Gomes, 66.

Nos escritórios da empresa aguardaram resposta sobre a possibilidade de serem todos recebidos pelo superintendente, sr. Luiz Alberto Whately, que atinal aquiesceu em ouvir apenas os vereadores, acompanhados dos jornalistas, mas não dos membros da comissão.

Manifestando desde logo sua estranheza por essa atitude, o comp. Cid Franco e o sr. Janio Quadros puseram o superintendente da C.M.T.C. a par do memorial, que pleiteia as seguintes reivindicações:

- 1 — Aumento de salários na base de 50% sobre os atuais;
- 2 — Pagamento dos atrasados desde a data da moção das passagens da C.M.T.C., na base de 50% sobre os salários em vigor em agosto de 1947;
- 3 — Que o aumento decretado seja extensivo a todos os trabalhadores da C.M.T.C., indistintamente;
- 4 — Não sujeitar o aumento dos salários à assiduidade total;
- 5 — Não pagar passagens nos veículos da empresa, quando uniformizados;
- 6 — Anulação do processo contra os trabalhadores, que lutaram por aumento de salários;

7 — Que a Companhia deixe a perseguição a seus trabalhadores, como seja acabar com as "partes" secretas e outras injustiças.

Cid Franco, sempre em companhia dos jornalistas, mas não dos trabalhadores, pois estes se viram obrigados a aguardar a resposta no saguão, foram conduzidos pelo sr. Whately à presença do presidente da C.M.T.C.

No momento em que o vereador Janio Quadros dizia que era necessário descerem até o povo os dirigentes da C.M.T.C., o comp. Cid Franco interveio afirmando que, no momento, bastaria que um homem do povo, membro da comissão, fosse à presença dos dirigentes.

Ao contrário do sr. Luiz Alberto Whately, o sr. João Batista Gomes Ferez permitiu então que o motorista Antonio de Aguiar entrasse em seu escritório.

Não foram mais os vereadores que falaram ao presidente da C.M.T.C. e sim o empregado, em nome da comissão. Fez ver que o sr. Ademar de Barros, publicamente, pelo rádio, e o ex-superintendente da empresa, sr. João Gonçalves Foz, haviam prometido a majoração dos salários quando se aumentaram as tarifas. Longo tempo se passou e o aumento, nas bases solenemente prometidas, não veio. Os trabalhadores já não têm confiança na C.M.T.C., nem os seus interesses têm sido defendidos pelo presidente do sindicato, Sebastião Vieira de Carvalho, funcionário graduado que não tem correspondido à confiança dos trabalhadores, que o acusam de manobras em defesa da companhia. Os trabalhadores pretendem que a companhia conceda o aumento sem que seja necessário aguardar-se a publicação do acórdão que lhes deu ganho de causa, uma vez que essa publicação não poderá modificar a decisão judicial. A publicação talvez demore vários meses e a situação dos operários é angustiada.

Secundando as palavras do motorista Antonio de Aguiar, os vereadores fizeram um apelo ao presidente da C.M.T.C., no sentido de um aumento imediato dos salários, antes da publicação do acórdão.

mes, feitas que a empresa estaria disposta a aumentar imediatamente os salários, desde que a Prefeitura, como maior acionista, concordasse com a medida, autorizando a sua pronta aplicação.

Depois dessa promessa do presidente da C.M.T.C., feita na presença dos dois vereadores, do sr. Henrique Pagoda, diretor da empresa, jornalistas, fotógrafos e do membro da comissão de trabalhadores, encerrou-se a reunião.

A CANDIDATURA PRESTES MAIA

A Comissão Nacional do Partido Socialista, em cumprimento às disposições estatutárias que regulamentam o apoio do Partido a candidatos extra-partidários, resolveu ratificar a decisão da Convenção Estadual de São Paulo que adotou a candidatura Prestes Maia.

A este respeito, o comp. João Mangabeira endereçou o seguinte telegrama ao sr. Prestes Maia:

"A Comissão Nacional do P.S.B., em sua última reunião, resolveu unanimemente, congratular-se com a convenção do Partido em S. Paulo e com v. exa. pela aceitação do seu grande nome para candidato ao Governo do Estado. Cordiais saudações. — João Mangabeira.

O Partido Socialista e a situação internacional

OBJEÇÕES À TESE DO COMP. HERMES LIMA

I X

De há muito deixou "o regime soviético de causar desgosto, apreensão e medo ao regime capitalista". Há muito tempo o capitalismo já percebeu que a existência do regime soviético permitia-lhe continuar a fazer os mesmos negócios que antes fazia com os capitalistas particulares da Rússia — vendas, empréstimos, compras. Há muito tempo, também, o capitalismo já percebeu que a Rússia não se propõe mais como objetivo incentivador a revolução mundial com o intuito de libertar a classe operária. O que ao capitalismo passou a causar "desgosto, apreensão, e às vezes medo" foi o surgimento da Rússia no cenário mundial como grande potência — independente do fato do regime ali vigente ser, ou não, o soviético.

De todo inaceitável é a catalogação dos comunistas — ao lado dos socialistas e trabalhistas — como força "de esquerda". A velha nomenclatura está completamente ultrapassada pelos acontecimentos, e si tivéssemos que continuar a usá-la hoje, deveríamos incluir os comunistas exatamente entre as forças reacionárias da sociedade. Eles não são esquerda sob o ponto de vista econômico, pois não libertam a classe operária, mas, pelo contrário, ao tomarem o lugar dos capitalistas particulares, submetem-na a um regime de exploração e opressão ainda mais intensivo e brutal que o do capitalismo; tiram-lhe o direito de greve, tiram-lhe a liberdade sindical, utilizam largamente o trabalho escravo, encaram como ato criminoso todo movimento reivindicatório que implica em discutir os ordens da burocracia totalitária. Também não são esquerda sob o ponto de vista político, pois recusam a classe operária e a todo o povo os mais comecinhos direitos políticos — desde a liberdade de palavra, de reunião, de associação, até o direito de eleição. Não são esquerda, ainda, porque não dispõem de autonomia de movimento em cada país, não podem, em cada país, guiar-se pelas reais necessidades da classe trabalhadora local, julgados como se acham, permanentemente, as conveniências da jogada diplomática russa, que tanto pode mandar que os comunistas sabotem o Plano Marshall na França, como pode mandar que eles "apertem mais um furo em sua cinta", no Brasil; que tanto pode mandá-los apoiar a monarquia, na Itália, como pode forçá-los a movimentos grevistas contra o governo trabalhista inglês.

Não somente não é exato que "a irradiação da ideia socialista e também da "ameaça" socialista deveu imenso ao fato de haver a Rússia emergido vitoriosa da luta" — como é exato precisamente o contrário, o saber, que o atrazo, o impasse e as dificuldades hoje enfrentadas mundialmente pelo movimento socialista, devem-se quase exclusivamente à sabotagem do mesmo pela Rússia, ao freio que a Rússia pôs ao movimento de libertação dos trabalhadores, à desmoralização que para o ideal socialista resultou do cinico oportunismo da Rússia. Não traçou uma análise política, não pôde confundir aquilo que representava "a esperança" de uma massa politicamente atrasada, com os acontecimentos que realmente se processaram. Seria certo dizer que os trabalhadores do mundo inteiro esperavam, com a derrota do nazismo e do fascismo, com a vitória na guerra das democracias ocidentais e da Rússia, fôsse dado um grande passo no sentido de sua libertação social. Mas essa esperança foi brutalmente frustrada, precisamente porque à Rússia interessava, então, manter o acordo com as democracias capitalistas, e para obter isso pagou

o preço pedido — representado na ocasião pelo bloqueio do movimento revolucionário no mundo inteiro. Os exemplos são de ontem — os comunistas pregando a "união nacional" nos Estados Unidos, esforçando-se por manter Getúlio no poder, votando pelo reconhecimento do Tratado de Latrão na nova constituição italiana — e de igual modo agindo no mundo inteiro. Foi esse amoralismo, esse oportunismo, que impediram fôsse pela classe operária aproveitado o momento histórico imediato ao fim da última guerra, para conseguir a sua libertação no mundo inteiro.

Terminado a guerra, liquidado o inimigo — comum, não no sentido ideológico, mas no imperial, — Rússia e Estados Unidos viram-se frente a frente, como os dois únicos grandes potências que haviam sobrado. E entenderam, ambas, que deviam aproveitar o suposto enfraquecimento da outra, para passar a hostilizar-se, na esperança de conseguir aumentar seus lucros de guerra, sob a forma da extensão da própria influência. A "ameaça de agressão" soviética, a partir dessa data, não deve ser referida entre aspas, porque foi e é real, como se viu concretamente na Checoslováquia e em Berlim. A guerra fria traduziu de modo muito claro as disposições em que se encontram Washington e Moscou; — trata-se de dois inimigos que se reconhecem como tal, e que experimentam um ao outro, a fim de ver até que ponto podem fazer o adversário recuar, até que ponto podem ainda avançar. Mas a vitória da Rússia não seria a vitória do socialismo (Tito, entre outros, poderá atestá-lo), como a vitória dos Estados Unidos não seria nem é a vitória da democracia — e ai temos a Espanha, Portugal, Peron, e tantos outros exemplos vivos.

Isto tudo que temos afirmado até aqui, era exatamente o oposto do raciocínio desenvolvido na tese do comp. Hermes Lima, que dava como certos todos os pressupostos contrários — a saber, que a guerra foi provocada unicamente porque as democracias incentivaram Hitler contra a Rússia, que os comunistas constituíam uma força de esquerda, que a vitória da Rússia representava a vitória do socialismo, etc.

Mas, no item 8º há uma brusca reviravolta na opinião do relator, a nosso ver forçada pela evidência dos acontecimentos mais recentes. E nesse passo, então, o relator reconhece que os partidos comunistas perderam o sentido ideológico para tornar-se meros apêndices da diplomacia russa e que esta se encontra empenhada numa luta com os Estados Unidos em que apenas procura atender aos seus próprios interesses. Mas no item seguinte o relatório volta a formular-se que já não nos parecem felizes. Assim a afirmação de que "a política americana para deter o "agressor" desenvolveu-se dentro de um quadro que, desde logo, lhe imprimiu o caráter de política em defesa do "stato-quo capitalista". É evidente que os Estados Unidos são um país capitalista e imperialista, mas nas atuais condições internacionais não têm eles a necessidade nem a possibilidade de agir apenas da forma indicada. Como capital financeiro, os banqueiros norte-americanos praticamente não têm concorrente, hoje, no mundo. A Rússia é uma grande potência como população, armamento e exército, e apresenta uma ameaça aos Estados

Unidos porque está interessada em conquistar territórios que deseja dominar para explorar como colônias; mas a Rússia não chega a fazer concorrência nos mercados, pois sua produção, até hoje, não basta para as necessidades nacionais. Afóra a Rússia existe apenas a Inglaterra, a quem sobra do antigo poderio econômico. E de uma forma geral os Estados Unidos dominam os mercados soberanamente, ao ponto de que a sua dificuldade essencial é a pleto-ria de riqueza. O mundo empobrecceu-se de tal modo, que não só os americanos não encontram competidores de vulto nos mercados, como necessitam financiar seus compradores potenciais, para que estes se transformem em compradores efetivos, e assim permitam que as fábricas norte-americanas continuem produzindo. O sistema financeiro mundial também não funciona mais em consequência dessa mesma foto — a saber, que o dólar é quasi o único veículo válido para as trocas, e poucos são os dólares existentes, porque só se obtêm dólares vendendo aos Estados Unidos, e as vendas aos norte-americanos dependem de compras aos norte-americanos.

Dentro desse círculo vicioso, embora não estejam, evidentemente, empenhados em promover o socialismo, os Estados Unidos vêm sendo obrigados a uma série de iniciativas que são a negação frontal do sistema capitalista de livre iniciativa particular — como os controles de preços, os auxílios do Plano Marshall, os empréstimos e arrendamentos. E do mesmo modo que comerciarão intensamente, no passado, com a Rússia, (e com ela continuam a ter relações econômicas apreciáveis), assim também agem hoje com a Inglaterra (sem embargo de seu governo socialista), e já agora também com a Jugoslávia (sem embargo de seu governo comunista). Evidentemente, sempre que possível, procuram eles assegurar vantagens aos capitalistas americanos nos países que socorrem financeiramente. O contrário é que seria de espantar. Mas isso não autoriza a afirmação de que a política internacional dos Estados Unidos tem como ideia dominante a defesa do "stato-quo capitalista". Acima dessa conveniência devem eles considerar hoje outra mais importante — que é a garantia de sua própria sobrevivência em

face do competidor ameaçador surgido na arena internacional, na pessoa da Rússia.

Pela extensão a que estas notas já chegaram, não poderíamos examinar com a mesma minúcia as conclusões do relatório do comp. Hermes Lima. Aliás, o artigo do comp. Febes Gikavote, e o relatório do comp. Antonio Candido, publicados anteriormente neste "Folha", constatarem o essencial daquilo que, a nosso ver, deve ser proposto como "conclusões", em oposição ao relatório Hermes Lima. Trata-se, em resumo, de afirmar a posição independente dos socialistas em face da Rússia e dos Estados Unidos, independência ativa, independência de oposição quanto aos objetivos de um e outro, pois somente o surgimento, no cenário internacional, de uma terceira força realmente independente e prestigiosa, que recuse as pretensões imperiais dos dois grandes, poderá evitar a eclosão da terceira guerra mundial, do contrário inevitável.

ARNALDO PEDROSO D'HORTA

O VATICANO E O KOMINFORM

A edição de 13 de julho dos "Acta apostolice sedis" publicou, sob o título de "Santo Officio":

"Foram submetidos a esta suprema Congregação os seguintes quesitos:

- 1.) Se é lícito inscrever-se em partidos comunistas ou apoiá-los;

- 2.) Se é lícito publicar, difundir ou ler livros, periódicos, jornais ou folhas avulsas que façam propaganda da doutrina e da prática do comunismo, ou escrever para eles;

- 3.) se os fiéis que tenham consciência e deliberadamente cometido os atos previstos nos números 1 e 2 podem ser admitidos aos sacramentos;

- 4.) se os fiéis que fazem profissão da doutrina materialista e anti-cristã do comunismo, e em primeiro lugar os que a difundem e propagam, incorrem, "ipso facto", como apóstatas da fé católica, na excomunhão reservada de modo especial pela Sé Apostólica.

Os eminentíssimos e reverendíssimos cardeais, empenhados na tutela da fé e dos costumes, ouvido o voto dos consultores na congregação plenária de terça-feira, 28 de junho de 1949, determinaram que se respondesse: Ao primeiro quesito, negativamente. O comunismo, de fato, é materialista e anti-cristão; os dirigentes comunistas, embora às vezes proclamem que não cogitam de religião, de fato, seja com a doutrina, seja com a ação, mostram-se hostis a Deus e à verdadeira religião e à Igreja de Cristo. Ao segundo quesito, negativamente. A proibição é de fato comanda "ipso jure" (cfr. cânone 1399 do código de direito canônico). Ao terceiro quesito, negativamente, segundo os princípios ordinários, que negam os sacramentos a todos

os que não tenham a devida disposição. Ao quarto quesito, afirmativamente. Este decreto do Santo-Ofício foi apresentado ao Santo Padre na audiência concedida ao assessor da mesma sacra congregação a 30 do mês findo. O Santo Padre aprovou a decisão dos cardeais a ele apresentada, e ordenou que fosse divulgada no boletim oficial da Santa Sé".

Quisemos reproduzir o texto na íntegra para evitar equívocos. Em essência: 1) o católico não pode inscrever-se no Partido Comunista nem apoiá-lo; 2) não pode difundir os jornais comunistas nem escrever para eles; 3) o católico que se inscreve no Partido Comunista e o apoia, ou mesmo que difunde os seus jornais, é excluído dos sacramentos; 4) quem quer que faça profissão da doutrina comunista e ajude a propagá-la, é excomungado. Os termos são os de uma verdadeira perseguição religiosa.

Há uma distinção, sobretudo importante, embora provavelmente muito capciosa para o grande público: quem pratica o comunismo é excluído dos sacramentos; quem difunde a sua doutrina é excomungado. Isto se destina a recuperar em tempo devido as massas comunistas, e a golpear mais fundo os teóricos, os chefes do comunismo.

Tal sistema não é novo na Igreja, e não estranha que se haja dado forma solene a um comportamento que de resto era já bastante conhecido, pelo menos em certas regiões, onde, sobretudo em período eleitoral, não se ministravam a comunhão e os Santos Oleos aos comunistas.

É inútil afirmar e repetir que se trata de uma barbárie! Esta é a praxe da Igreja, e de resto ela está no seu direito de não permitir a presença dos inimigos em suas fileiras.

Em todo o caso, resta a examinar o seguinte: 1) por que tais medidas não foram tomadas, por exemplo, contra a triste República Social de Mussolini; 2) se a excomunhão e a negação dos sacramentos não preludiam em tempos mais favoráveis ao poder religioso, o início ou a ajuda a uma perseguição; 3) se, sempre no sentido do vento da História, a batalha anti-comunista não virá a transformar-se numa batalha antiliberal. Não nos esqueçamos que há um século, em 1859, a excomunhão atingiu os liberais, quando os exércitos piemonteses se aproximavam das fronteiras do Estado Pontifício. E se a excomunhão não conservasse à distância aqueles exércitos, ainda hoje o Ressurgimento seria considerado, na historiografia católica (ou melhor, clerical) como uma derrota das verdadeiras forças espirituais.

Todavia, após haver deplorado esta ingerência da Igreja no terreno propriamente político, e após sublinhar a extrema periculosidade de tais decisões irrevogáveis, que levam o homem à perdição ou à salvação, introduzindo um elemento sobrenatural na política das partes em luta, procuraremos examinar por um momento o alcance da atitude e suas íntimas razões.

Cerca de um terço dos italianos com direito a voto sufragou o Partido Comunista. Cerca de oito milhões de italianos, estão hoje excomungados? Ao que parece, nem mesmo no século passado se chegou a medida de tão larga repercussão. Trata-se evidentemente de um novo capítulo da História da Igreja, o início de uma luta sem quartel, de cujo êxito depende a sua própria vida.

(Continúa na 4.ª pag.)

O Drama Sangrento da Bolívia

A Bolívia é um dos países mais atrasados da América do Sul. Produz 40.000 toneladas de estanho, metal de grande importância militar, que é adquirido, na totalidade, pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha. Esses dois países tendo monopolizado o mercado boliviano, impõem preços muito baixos. Isso explica o estado de miséria permanente que reina na Bolívia. A exploração iníqua dos mineiros do planalto tem provocado esporádicas e sangrentas sublevações sempre terminadas, até ao presente, pela vitória de Patino, proprietário das minas, e do imperialismo estrangeiro.

Esse é o aspecto geral da situação boliviana, sobre a qual vem projetar-se toda uma série de fenômenos políticos complexos:

1) O peronismo argentino, herdeiro da influência hitleriana na América do Sul, tentou utilizar a rebelião latente dos povos sul-americanos contra o imperialismo opressor em benefício de seus próprios fins: expansão política e apoio a seu regime vacilante.

A Argentina forneceu uma ajuda incondicional ao Movimento Nacionalista Revolucionário (M. N. R.), partido nazista do Planalto, que sofreu uma derrota por ocasião da revolução popular de 1946, que derrubou Villareal, e que procura agora, por todos os meios, retornar ao poder.

2) A política staliniana, dirigida no presente contra os Estados Unidos, sustenta todos os movimentos de oposição, inclusive os mais reacionários, como o fito de abater os diversos governos democráticos, pró-americanos ou anti-russos.

Quando o MNR participou do governo de Villareal organizou sindicatos totalitários, utilizando uma demagogia social desbragada, sobretudo nos centros mineiros e industriais. Essa organização, no fim conseguiu ser a força de atração da oposição do governo. Em La Paz, os operários das manufaturas estavam sob a direção dos nazistas e os ferroviários sob a direção dos stalinistas.

Tal fato constituiu um outro elemento da tragédia boliviana.

Por ocasião das recentes eleições parciais, apesar de algum sucesso nas províncias, o MNR sofreu um sério fracasso em La Paz. Ele respondeu imediatamente por um levante armado, preparado de antemão e que foi derrotado pelas forças governamentais. Em pouco tempo o MNR preparou um plano de rebelião apoiado nos centros mineiros e manufatureiros onde contava com a influência decisiva de numerosos agentes bem pagos. Uma vez mais, o governo reprimiu o movimento e depôs os principais dirigentes políticos e sindicais do MNR. A repressão, o MNR respondeu a 29 de maio passado com a greve geral de Catavi em que seus agentes prenderam alguns engenheiros como reféns. Na luta com as tropas governamentais houve numerosos mortos de parte e diversos reféns foram assassinados.

A greve se estendeu aos manufatureiros e aos ferroviários (dirigidos pelos stalinistas). A luta durou vários dias terminando pela vitória do governo.

Sem dúvida alguma, o fundo da tragédia é constituído pela luta de classe e pelo rebelião permanente do proletariado indígena contra os exploradores nacionais e imperialistas estrangeiros. Mas essa luta tem sido deformada e utilizada pelos nazistas crioulos em sua tentativa de reconquistar o poder e levar a cabo a revanche.

Em uma luta entre o burguesia feudal e o imperialismo, de um la-

do, e a pequena burguesia nazificada do planalto, de outro, o proletariado torna-se para o MNR uma espécie de animal de aluguel.

Os stalinistas assim como também os trotskistas por razões diferentes, apoiavam de fato as provocações do MNR. Temos o exemplo do deputado Lara, aderente da IV Internacional, que não somente apoiou sem reservas o nazista Lechin, líder dos mineiros, mas era ainda seu secretário particular e conselheiro político. É verdade que Lara e seus amigos defendem a tese da revolução burguesa na Bolívia e consideram essa revolução como sendo a parte do MNR. Nesse momento terminaria a aliança. Entretanto, quem afinal de contas paga toda essa política criminosamente ao proletariado?

Os círculos socialistas revolucionários procuraram remediar tal estado de coisas formando sindicatos independentes para arrancar os mineiros à influência dos nazis. Foi tudo inútil.

De uma parte os agentes de Lechin assassinaram em Catavi os

dirigentes locais dos sindicatos independentes e se opuseram brutalmente a suas palavras de ordem. De outra parte, Patino e o governo combateram os independentes na linha geral de sua política anti-operária. Assim o sindicalismo independente, que se desenvolveu rapidamente nos centros mineiros, não conseguiu formar-se o elemento capaz de enfrentar o terror nazista e a opressão governamental. Foi o temor do sindicalismo independente que obrigou o MNR a antecipar a data de seu levante.

Hoje a Bolívia é um terreno de guerra civil sobre o qual se defrontam a grande burguesia mineira, sustentada pelo governo da União Republicana e a pequena burguesia nazificada de que o proletariado arrastado pelo MNR é a força de choque. Não sabemos como terminará o conflito, mas podemos afirmar que ganhe qualquer uma das duas forças, a classe operária é que sairá perdendo.

JUAN REY

"Confrontation Internationale" n.º 2, Maio-Junho de 1949.

Noticias da I. U. S. Y.

No número de agosto do boletim da União Internacional das Juventudes Socialistas, há um artigo sobre a Liga da Juventude Operária da Noruega, assinado por Erling Johansen. É muito interessante porque demonstra que as juventudes socialistas nunca foram organizações apenas estudantis e que se baseiam, sobretudo, nas lutas e reivindicações da juventude operária. A "Arbeidernes Union og den Fjilking" por exemplo, desenvolve grande parte do alto nível de vida e das boas condições sociais conquistadas pelos jovens trabalhadores noruegueses. Lutando por reivindicações tais como o ensino vocacional, aprendizado, facilidades de educação, melhoria das condições de trabalho, etc., a A. U. F. tem constituído um eficaz instrumento de recrutamento e recrutamento no conjunto do movimento operário, representado pelo Partido Trabalhista e pela Federação dos Sindicatos.

A A. U. F. nasceu há 50 anos, quando foi fundado em Oslo um clube de jovens socialistas compreendendo 150 membros. Depois de um período de desintegração do Partido Trabalhista, entre 1921 e 1927; do congresso de 1937, que comprou a força política e organizatória da AUF; de dois anos de governo trabalhista que realizou boas conquistas sociais, e da luta clandestina durante a guerra, a Juventude Socialista da Noruega conta hoje com 45.000 membros, filiado a 700 clubes, representando 1,5% da população total da Noruega.

A organização divide-se em distritos; esses em departamentos que, por sua vez, se dividem em clubes socialistas juvenis, base da organização. A AUF dá grande importância às tarefas educacionais, realizadas em colaboração com a Associação Educacional Operária. Isto porque, diz E. Johansen, a AUF precisa de membros que possam tomar parte ativa no movimento,

desde os de nível mais baixo até os de mais alto nível; moços e moças que pensem por si mesmos, independentemente de slogans e dogmas, e que se esforcem por compreender os pequenos e os grandes problemas que o movimento operário enfrenta dia a dia. A AUF é dirigida por um Comitê Executivo encarregado das tarefas quotidianas. Ele é formado por 9 representantes escolhidos pelo congresso da organização, um editor, um tesoureiro e um representante do Partido. Por sua vez, a AUF tem um representante no Partido. O congresso, realizado de 3 em 3 anos, é a autoridade suprema; compõe-se de 400 delegados dos diversos distritos. O Conselho Nacional de 49 membros, renuncia sempre que é convocado pelo Comitê Executivo. O presidente e o secretário são pagos pela Organização.

O último congresso, realizado em maio deste ano, adotou uma plataforma que foi cuidadosa num programa intitulado "As necessidades da Juventude na Noruega de Amanhã". A imprensa da AUF consiste em um boletim mensal, e na revista mensal "Juventude Operária" (Arbeider Ungdom).

No momento, a AUF está engajada na campanha para as eleições gerais, às quais apresentará o programa elaborado em maio. Os jovens socialistas noruegueses estão convencidos da vital importância da vitória dos socialistas nessas eleições.

FUNDADA A JUVENTUDE SOCIALISTA HINDO

A 14 e 15 de maio últimos, uma conferência de jovens operários socialistas, realizada em Poona, Índias, resolveu fundar uma juventude socialista hindu de âmbito nacional. Seus objetivos foram definidos do seguinte modo:

1) — Popularizar os ideais socialistas e inculcar consciência

(Continúa no 6.º pag.)

JUSTIÇA DO TRABALHO

Nesta secção, que está a cargo de companheiros advogados, serão respondidas quaisquer consultas sobre direitos dos trabalhadores e leis trabalhistas em geral. Qualquer trabalhador interessado poderá dirigir-se diretamente à redação desta "Folha" e à sede do Partido, à Praça da Sé, 237.

Acidentes do trabalho e responsabilidade civil dos patrões

Uma questão importante que tem sido levantada ultimamente nos tribunais de justiça é a da responsabilidade civil dos patrões, nos casos de acidentes do trabalho em que seja provada culpa direta deles, patrões. Como é sabido, a indenização paga ao empregado acidentado, de acordo com a lei de acidentes no trabalho, é muito pequena. Basta dizer que a diária máxima prevista na lei de acidentes, durante o tratamento, é de Cr.S 28,00, enquanto que o salário que o operário perde, em virtude do acidente, representa, em média, Cr.S 60,00 ou Cr.S 80,00. A indenização prevista no Código Civil nos casos de prejuízos causados a qualquer pessoa, por culpa ou por vontade de outra, entretanto, é muito maior. Segundo o Código Civil, o culpado deve pagar aquele que ficou prejudicado "perdas e danos", isto é, tudo aquilo que o prejudicado perdeu ou deixou de ganhar, por causa do fato culposo. Por isso, surgiu a questão: Se o patrão tem culpa direta na ocorrência do acidente do trabalho, não pode o empregado vítima, em vez de pedir o pagamento da indenização estabelecida na lei de acidentes do trabalho, pedir o pagamento da indenização estabelecida no Código Civil, que é muito maior? O Supremo Tribunal Federal e o Tribunal de Justiça do Distrito Federal entenderam que o empregado pode agir judicialmente contra o patrão, de acordo com o Código Civil, desde que ainda não tenha recebido a indenização estabelecida na lei de acidentes do trabalho. O Tribunal de Justiça de São Paulo ainda está vacilante, existindo uma decisão a favor desse direito e duas em sentido contrário.

Esta questão é de grande importância e, por isso, deve ser divulgada. A orientação justa é, sem dúvida, a do Supremo Tribunal, de facultar ao empregado acidentado o direito de pedir o pagamento da indenização de acordo com o Código Civil. Os casos de culpa direta, de culpa grave, dos patrões, nos acidentes do trabalho, são muito frequentes. Por exemplo, nos casos de menores que trabalham em máquinas perigosas, em condições proibidas por lei, sem que a fiscalização do Departamento do Trabalho tome qualquer providência, se há um acidente do qual resulta morte ou defeito físico para o acidentado, não deve o patrão ser obrigado somente ao pagamento da indenização insignificante prevista na lei de acidentes do trabalho. Há, aí, culpa direta, quase equivalente a um crime, culpa grave do patrão, que não cumpriu a legislação trabalhista, com o intuito de explorar o trabalho do menor, mediante um salário baixo. Deve, portanto, o patrão responder por "ato ilícito", isto é, ser obrigado a pagar a indenização maior, prevista no Código Civil.

Os trabalhadores vítimas de acidentes do trabalho, portanto, se tiverem elementos para afirmar que o acidente foi causado por culpa direta do patrão ou de um chefe de serviço, devem procurar esclarecer e seu caso, antes de assinar qualquer acordo no Cia. de seguros, porque possivelmente poderão receber indenização muito maior do que aquela que lhes seria paga pela referida Cia. de seguros.

O DIA DA IMPRENSA

Por ocasião do transcurso do "Dia da Imprensa" o comp. Freitas Nobre, presidente do Sindicato dos Jornalistas, dirigiu a seguinte mensagem aos profissionais da imprensa paulista, documento esse, — com uma única exceção — sabido por todos os diários que aqui se citam:

"No transcurso da data comemorativa da Imprensa, em nossa terra, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo dirige-se aos homens de jornal e rádio de São Paulo, numa mensagem de solidariedade e de incentivo à luta que vem sendo travada em torno das várias reivindicações da classe, a saber: a - maior liberalidade ao projeto de Lei de Imprensa, que, apesar de todos os esforços, ainda conserva dispositivos ditatoriais; b) — conquista dos vários direitos concedidos pela Constituição e ainda não regulamentados ou cuja regulamentação não está sendo devidamente aplicada, tais como, o descanso semanal remunerado, a participação dos empregados nos lucros das empresas e o direito de greve; — c) — campanha pelo aumento de salários com base nos vários dissídios coletivos já instaurados e em curso no Tribunal de São Paulo, ou no Rio; d) — unidade da classe para a melhor e mais justa aplicação dos seus direitos. E' com satisfação que a

Diretoria do Sindicato nesta mensagem, transmite os resultados do seu trabalho de poucos meses, aos profissionais de imprensa de São Paulo, expressos na reorganização do quadro de assistência médica, dentária, jurídica, hospitalar, aos seus associados e famílias; na execução do programa da "casa própria" do associado; na publicação de um boletim bi-mensal que informa, nos seus detalhes, a atividade da Diretoria; no pagamento do auxílio-maternidade; nos vários dissídios já vitoriosos em bases de 63,53 e 50 por cento e das diversas reclamações de descanso semanal remunerado já atendidas em sentenças judiciais ou já em pagamento normal pelas empresas; na fiscalização mais severa contra os falsos profissionais que conseguem atestados gratuitos e se fazem passar por jornalistas, etc. Que a classe esteja coesa em torno de sua entidade máxima, em São Paulo, para que com o prestígio dessa unidade se possa realizar mais ainda, visando o benefício comum daqueles que constroem na grandeza da terra paulista, a imprensa que é o espelho em que se reflete e vertiginoso progresso de São Paulo em contraste com a crise em que se debatem as classes menos desprotegidas pela fortuna. São Paulo, 10 de setembro de 1949. Freitas Nobre, presidente."

PELA DEMOCRACIA SOCIALISTA

conclusão da 8a. pag.

nada, exceto o fato de que o governo tem e controla os meios de produção, no lugar dos capitalistas. E, hoje, é um governo despótico.

A estatização da economia na Rússia significa que não é o sistema capitalista de exploração que reina lá. Mas o sistema capitalista da propriedade privada não é o único sistema sob o qual o povo produz riquezas para o bem estar de uma classe dominante.

Houve o feudalismo e houve a escravidão, e hoje em dia há o coletivismo totalitário dirigido pela burocracia do Kremlin. Mas esse sistema burocrático-coletivista não é uma etapa para o socialismo ou uma forma de socialismo. É a antítese do socialismo.

A POSIÇÃO DO SOCIALISMO

Um governo pode ter a propriedade da indústria (como na Rússia), mas a questão decisiva pelos socialistas independentes é a seguinte: Quem tem o governo? E' ele controlado democraticamente pelo povo?

Sob o capitalismo, a indústria é autocratically possuída pelos capitalistas privados, e essa minoria, em virtude de seu poder econômico autocrático, conduz o governo de acordo com seus próprios interesses. Sob o Stalinismo Russo, a indústria é autocratically possuída por uma burocracia governamental, e essa minoria, em virtude de seu poder político autocrático, leva o governo a servir seus próprios interesses.

Os socialistas independentes acreditam que os Partidos Comunistas são inimigos da classe operária, duplamente perigosos porque, ao contrário dos outros inimigos, eles operam dentro do movimento operário. Duplamente perigosos porque, ao contrário dos outros inimigos, eles são antipartidários e podem, em virtude dis-

so, fazer um apelo mais dramático ao apoio do proletariado... com o qual eles pretendem apenas escravizar a classe trabalhadora.

3. — SOCIALISMO : DEMOCRACIA

Do que foi dito, fica bem claro que o verdadeiro socialismo e a democracia são inseparáveis. Não pode haver verdadeiro socialismo sem a democracia.

A classe trabalhadora não pode ser a classe dominante na sociedade, senão através de seu poder político, exceto através de uma mais eficaz e completo controle de seu governo. Não é uma classe possuidora de nenhuma espécie — capitalista, escravagista, ou feudal — e não pode controlar um governo através de seu poder econômico.

E' não pode haver uma verdadeira democracia sem o socialismo. A liberdade de imprensa e a publicação de jornais é uma empresa reservada apenas para os grandes capitais. As eleições livres são uma fraude quando a política é um grande negócio onde a riqueza e os interesses econômicos controlam os dois grandes partidos por meio de mil fontes de protecionismo, corrupção, pressão social e propaganda.

Na medida em que a vida econômica da nação é governada pela ditadura de uma minoria detentora da riqueza, a classe dominante; na medida em que há uma classe dominante, os direitos democráticos somente existem enquanto o povo não começa a usá-los em defesa de seus interesses básicos. Quando isso acontece, a classe capitalista recorre ao fascismo.

A luta por todos os direitos democráticos, sua manutenção e sua extensão, é parte da luta

pelo socialismo. O capitalismo e o stalinismo são igualmente inimigos da democracia.

4. — O SOCIALISMO E A GUERRA

Os socialistas independentes opõem-se às guerras imperialistas dos governos capitalistas como às guerras imperialistas dos stalinistas russos.

Uma terceira guerra mundial está ameaçando lavar uma vez mais o mundo de sangue. Na Europa, especialmente, os olhos de muitos operários voltam-se com simpatia para a Rússia, em virtude da ilusão de que lá há "socialismo", e porque esses trabalhadores europeus estão cansados da miséria e exploração do sistema que lhes é familiar: o capitalismo. Os avanços stalinistas na Europa se processaram a despeito do fato de que muitos e muitos operários teriam tido consciência do totalitarismo russo.

Mas, o capitalismo não pode ampará-los na defesa contra o totalitarismo russo. Ele, capitalismo, não tem nada para oferecer aos operários, especialmente hoje quando, novamente em especial na Europa, que foi seu berço, ele é incapaz de cicatrizar suas feridas.

O imperialismo capitalista foi enfraquecido ao mesmo tempo que o capitalismo, particularmente pelas lutas do povo hindu, do restante da Ásia, pela revolta de Israel; mas ele ainda governa onde pode e onde o povo não está em condições de expulsá-lo: na África, por exemplo. O mais poderoso dos países capitalistas, os Estados Unidos, estão começando a ser odiados na Europa, em virtude de seu desejo de subordinar toda a economia — e política — da Europa Ocidental à sua própria, através de operações como o plano Marshall.

Nacionalismo na Santos-Jundiaí

conclusão da 8a. pag.

ração desumana a que estão sujeitos explodiu, em janeiro deste ano, numa tentativa de greve. Mas a polícia entrou em cena, com grande aparato bélico, e os ferroviários, desorganizados e desorientados, não puderam fazer. O movimento

Em holocausto à destruição atômica do mundo, o capitalismo ocidental deve contar com a derrota militar da Rússia. Mas isso somente será possível através da sua própria submissão em um neo-barbarismo que ele diz estar combatendo.

"Nem Washington nem Moscou!" — este é o grito de reunião do socialismo independente. O socialismo não pode ser fiel a si mesmo se aliar-se a seu inimigo capitalista para combater seu inimigo stalinista, nem mesmo quando, através desse passo combate efetivamente o stalinismo.

Somente lutando por oferecer uma terceira escolha aos povos, pode o socialismo lutar pelo progresso da humanidade: uma alternativa democrática ao capitalismo, uma alternativa socialista ao stalinismo.

fracassou e a direção da estrada se aproveitou disso para dispensar incontinentemente cerca de duzentos ferroviários, muitos dos quais com mais de quinze e vinte anos de serviço na empresa.

Nem é preciso dizer que a "diretoria" do sindicato dos ferroviários, mantida há vários anos pela Ministério do Trabalho, nada fez em defesa dos trabalhadores. O presidente do sindicato faz questão de manter boas relações com o superintendente da estrada, nomeado pelo governo federal e, portanto, passiva bem cotada em o "peão de cima".

É isto que vem significando a "nacionalização" da estrada para os ferroviários. A exploração capitalista não mudou, senão para pior. O Estado-pátrio, se conduz com um capitalismo particular qualquer, com mais poder e mais ferocidade na exploração do trabalho. Um exemplo bem típico de como a "nacionalização" nada tem de comum com a "socialização" de uma empresa, com o controle dos meios de produção pelos próprios trabalhadores, que é a única forma de acabar com a exploração capitalista.

A. COSTA CORRÊA

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS

WILSON RAHAL

ESCRITORIO:

Praça Antonio Prado, 9 - 11.º andar
Salas, 1107/9 — Fone: 3-4655

RESIDENCIA:

Rua Guarará, 230 — SÃO PAULO

DR. JULIO DE ARAUJO FRANCO FILHO

RUA XAVIER DE TOLEDO, 46
2.º ANDAR

Renato Sampaio Coelho

Rua José Bonifácio, 209

11.º andar - Salas 1.104-6-8-10

Tel.: 6-3013

ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO COSTA CORRÊA

RUA FRADE QUE COUTINHO, 303

R. CONS. CRISPINIANO, 79

5.º Andar - Tel. 6-3013

HIRAM MAYR CERQUEIRA

Tel.: 3-5502

R. Sen. Paulo Egidio, 61 - 3.º

SÃO PAULO

Drs. Hozair Motta Marcondes e Carlos Nobrega Duarte

Rua Benjamin Constant, 138

3.º Andar - Tel. 2-6652

FREITAS NOBRE

ADVOGADO

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º And.

Tel.: 2-0168

HOSPITAL 9 DE JULHO

Rua Peixoto Gomide, 647

Fone — 6-6565

CIRURGIA GERAL

ABERTA A TODOS

OS MÉDICOS

MÉDICOS

DR. FEBUS GIKOVATE

Xavier de Toledo, 46 - 3.º

CLINICA DO APARELHO RESPIRATORIO
RAIOS X

DR. EMILIANO NOBREGA CLINICA MÉDICA

Rua da Estação, 13

TREMEMBÉ DA CANTAREIRA

DENTISTAS

DR. OSVALDO ANTÃO FERNANDES, C. D.

Clinica geral - Infecções dentárias - Cirurgia - Raios X - Dentaduras (com curso Post. Graduado)

Rua Barão de Itapetininga, 139 - 3.º andar.

Ap. 2 - Tel.: 4-0027

SÃO PAULO

GIARDINO & CINOPOLI

— ALFAIATES —

Serviços Finos

RUA JOSÉ BONIFACIO, 387 - SALA 3

O Vaticano e o Kominform

(Conclusão da 2a pag.)

Digamos logo uma coisa: na Itália as medidas tomadas não terão qualquer ressonância nem a importância que se lhes poderia atribuir. Era prática comum de muitos párocos, já no período de 1945-46, afastar da Igreja os que votavam com os comunistas.

Um dos recursos da propaganda confessional, acrescentemos, era o de incitar as mulheres e não conceder mais os seus favores aos maridos que insistem em votar com os comunistas. Trata-se de argumento, pelo menos na Itália, muito mais convincente do que a excomunhão.

Na Itália, o catolicismo é muito radicado e profundo mesmo nos que não são praticantes, nos que se julgam anti-clericais. Praticamente, os italianos comunistas continuarão a ser excomungados e a permanecer no seio da Santa Mãe Igreja. O homem da rua está inteiramente à margem desta pendência de ordem teológica.

Onde, todavia, a palavra de Santo Ofício tem um peso real é nos países da "nova democracia". Lá os incisos que possam parecer pleonásticos (são condenados os que "conscientemente e livremente" dão a sua adesão ao Partido Comunista) adquirem um valor concreto

e real. No outro lado da cortina de ferro desenvolve-se uma luta tremenda, em que está em jogo a própria existência da Igreja. E' ainda recente o eco do processo Mindszanti, o cardinal húngaro condenado à prisão após uma dramática retratação de suas teorias. Hoje, na Checoslováquia, se está criando o mesmo clima por idêntico processo. Monsenhor Beran, o primaz cego, é acusado de traição.

Pode-se dizer, pois, que foi provavelmente um erro atribuir valor doutrinário universal a uma condenação que tem, contudo, precisas relações históricas. Mas a batalha existe e a Igreja não podia desinteressar-lhe pela sorte da luta. Uma confirmação: Enquanto na Itália a condenação segundo as informações que nos chegam, não suscitou grande interesse, e se discute até mesmo se os aderentes do partido de Nenni podem ser considerados: bons católicos, excluídos da excomunhão (há uma ala desse partido que sustenta essa tese), na Checoslováquia, na Romênia, na Polónia os governos responderam logo no mesmo tom, isto é, que aceitam por boas as disposições do Santo Ofício: quem abandona o comunismo para não abandonar a Igreja

é acusado de traição e passível de encarceramento. A palavra de ordem é que se deve permanecer na Igreja (uma Igreja que tem o nome de católica, mas de fato constitui outra coisa), e permanecer sempre mais fiel à causa comunista.

Se se perguntar, pois, quem, nesta questão (mesmo encarando o mérito da pendência), está com a razão, deveremos opor um "distinguo".

E' evidente que a Igreja representa as forças mais reacionárias da sociedade, os agrários, as velhas classes dirigentes. Neste sentido não há dúvida alguma de que a sua derrota constituirá uma vitória da liberdade. Mas vistas de outro ponto de vista, as coisas se modificam, pois os governos comunistas não contrapõem à Igreja um Estado liberal, a possibilidade de escolha (laicismo, era a luta de 1800), mas sim uma outra e mais terrível Igreja terrena, o seu Estado. A um Sinodo se contrapõe outro Sinodo, igualmente sagrado, iniviolável e misterioso.

Estes são, a nosso ver, os termos da questão, sobre a qual é provável que ainda tenhamos alguma coisa a dizer.

ARMANDO FERRARI

O Partido Socialista é o Porta-Voz de uma Transformação Radical nos Destinos do Mundo

Ao iniciar o relatório da Comissão Executiva Estadual de São Paulo, cabe-nos, antes de tudo, na qualidade de secretário-geral da Comissão, fazer uma rápida análise da situação geral do Partido, que nos foi dado observar, no exercício deste cargo, transmitindo aos companheiros o fruto dessa observação, como contribuição para o desenvolvimento geral da organização partidária. Mesmo porque São Paulo constitui, sem dúvida, o principal núcleo organizatório de que dispõe o Partido, em todo o país, e, assim, não é possível separar o exame da organização partidária em nosso Estado do exame da situação do Partido em todo o Brasil.

Nosso Partido se ressentia, sem dúvida, de grandes debilidades. Isso não é segredo para ninguém. Somos um pequeno partido, ainda de influência reduzida nos acontecimentos políticos nacionais. Nem por isso devemos subestimar a importância do nosso empreendimento ou as dimensões da nossa responsabilidade perante o povo brasileiro. Se numérica e organizatoriamente ainda somos poucos e débeis, é verdade também, que nossa responsabilidade é imensa, como Partido. Somos, no Brasil, os portadores de uma legenda, partidária prestigiada internacionalmente e que representa o esforço de uma grande parcela da classe operária e da humanidade em geral, em prol de uma transformação radical nos destinos do mundo. Somos, no Brasil, praticamente, a única agremiação partidária que está em condições de representar, perante o mundo, uma corrente de pensamento político ou de participar de um esforço universal em torno de um objetivo político, social e mesmo cultural definido. No caos político reinante do Brasil, como resultado da ausência de autênticos partidos políticos que representem correntes de pensamento, classes ou agrupamentos sociais bem diferenciados e como resultado do baixo nível político em que se encontra o Brasil, ainda recém-saído de uma longa ditadura, nosso partido representa, sem dúvida, alguma coisa de certo e positivo, um agrupamento de homens reunidos em torno de um objetivo que representa uma solução para os problemas econômicos, sociais e políticos do povo brasileiro. Nesse panorama desbotado que são os partidos políticos brasileiros de hoje, sejam eles de conteúdo essencialmente burguês, nos seus vários matizes, ou de conteúdo pretensamente "populista", "trabalhista" ou "progressista", nosso partido é a nota dissonante, é o primeiro contorno bem delineado de um verdadeiro partido político, com base e um programa com perspectivas de vida permanente e sentido educativo, junto às massas populares.

Estas considerações, evidentemente, bastariam para nos dar um sentimento de auto-satisfação, se não nos sentíssemos comprimidos pelo exame da situação do mundo

atual e do Brasil em particular e pela consciência de que é necessário um esforço agitado de todos os socialistas brasileiros para que se consiga uma solução para os problemas do povo, num futuro não distante, senão no sentido socialista, pelo menos no sentido de deter a onda reacionária que se avoluma, e consolidar um regime de segurança e liberdades democráticas que possa abrir perspectivas para uma futura transformação socialista. Por isso mesmo, temos de deixar de lado, na análise da nossa situação partidária, qualquer tendência para o conformismo, diante das enormes dificuldades que se nos apresentam, para encarmos com energia e objetividade as nossas debilidades, com a firme decisão de corrigi-las pelo melhor meio e o mais depressa possível.

Temos insistido sempre que em toda organização política a vida orgânica está sempre subordinada à vida política. Um partido que vive politicamente de um modo intenso, mantém sempre seus militantes em estado de mobilização efetiva, desperta entusiasmo, confiança, combatividade. E na organização, o desenvolvimento orgânico surge exponencialmente, quase sem esforço dos órgãos dirigentes.

Por isso, estamos convencidos e sempre o repetimos, que as debilidades de nosso partido são antes de tudo de natureza orgânica, e capazes de serem corrigidas com pequenas ou grandes medidas organizatórias.

Essa debilidade política é, de um lado, de ordem geral, comum a todos os partidos socialistas. A situação dos socialistas do mundo inteiro é, sem dúvida, bastante difícil, espremidos que se encontram entre os dois blocos imperialistas, americano e russo, que disputam o domínio do mundo, buscando cada qual dar à humanidade a sua "solução", que é antagonista com os objetivos e os princípios de socialismo, como nós o concebemos.

Combatidos pela burguesia de todo o mundo de um lado e pelos comunistas de outro, os socialistas ainda não encontraram uma posição de independência e ofensiva enérgica contra os seus inimigos das duas frentes, capaz de impôr ao mundo uma "terceira força" decisiva e salvadora. Daí a dificuldade de se mobilizarem as massas sob a bandeira socialista, pois não encontram elas, sobretudo as massas proletárias, nos partidos socialistas, a firmeza, a combatividade e a clareza de objetivos necessárias às tarefas revolucionárias que o mundo de hoje exige. No Brasil, em especial, além dessa dificuldade de ordem geral temos de lutar contra uma série de fatores diversos. Há uma confusão generalizada, misturada de desilusão, por parte de todo o povo, sobretudo os operários, que sentem sobre si, instintivamente, o peso de uma ditadura absoluta das classes capitalistas e latifun-

dárias, sob a aparência de um regime democrático ainda vacilante. O baixo nível político reinante não permite a compreensão generalizada das posições socialistas, que são posições racionalizadas, de definição de uma linha política independente, no choque entre as forças políticas da burguesia com seus laços fascistas, de um lado, e os comunistas de outro. O Partido Socialista é frequentemente confundido com os muitos "P. T." ou "P. S." que se formaram nas eleições, reunindo toda a sorte de aventureiros e car-revistas que pode produzir um regime social em decomposição, agrupamentos heterogêneos, sem conteúdo ou finalidade qualquer senão a de habilitar alguns milhares de eleitores que ainda não aprenderam a votar. A incapacidade da burguesia brasileira para movimentar ideologicamente e politicamente o povo, como classe precocemente decrépita que é, sem energias cívicas e morais, faz com que se ofereçam grandes oportunidades para a ação dos grandes caudilhos e aventureiros que exploram o baixo nível político e os sentimentos de revolta resultantes da miséria e da opressão econômica, reinantes no seio das massas populares. Estas, por sua vez, desesperadas com a tremenda opressão econômica em que vivem, tendem a seguir atrás dos partidos ou caudilhos políticos que apontam soluções demagógicas, de fácil realização e a curto prazo. Há, ainda, uma apatia geral em relação a atividade política, produto de desânimo no seio do povo, ante as soluções que os chamados "grandes" partidos políticos, aqueles que podem influir decisivamente nos acontecimentos, pretendem apresentar, através de encha-vite, as mais imorais e vazias de substância que se podem imaginar; há a tradição caudillesca da política burguesa brasileira, atuando poderosamente, como um peso morto, inclusive no seio do proletariado, que deveria ser a classe mais infensa à política caudillesca, dificultando a ação de um partido como o nosso, que não dispõe de caudilhos capazes de arrastar a massa; há a falta de tradição socialista em nosso país, que permitiu aos comunistas conquistarem e corromperem, pela mística do "chefe" e da russificação, os elementos mais corajosos e combativos da classe operária e permitiu ao getulismo arrastar todo o operariado de tendências reformistas; enfim, uma série de fatores políticos que dificultam extraordinariamente e desenvolvem e a ação do nosso partido.

Por outro lado, há que assinalar algumas debilidades próprias do Partido cujo desaparecimento possivelmente depende de medidas organizatórias adequadas. Há em nosso Partido, entre militantes e mesmo organismos dirigentes, certo dilettantismo no encarnar a vida partidária, certa timidez de quem deseja sair da condição de pequeno agrupamento, mas teme enfrentar

as duras responsabilidades de um partido de larga projeção, capaz de influir decisivamente nos acontecimentos políticos, e que sempre implica em lutas mais árduas, maiores conflitos, maiores sacrifícios pessoais para os dirigentes. Não é raro vermos companheiros em cargos de responsabilidade animados de um sentimento conservador, de conformismo ante a pequenez do partido, incapazes de dar um impulso renovador no trabalho partidário, com iniciativas mais ousadas que aquelas da rotina partidária. Teríamos aí uma tarefa importante a realizar, no sentido de capacitar os membros do partido que exercem cargos de direção, em todos os graus, da sua grande responsabilidade, como criadores desse grande impulso inicial de conquista das massas que está se fazendo sentir e que depende muito de um esforço entusiasta, da energia e da ousadia de alguns grupos de militantes socialistas.

Há que apontar a fraqueza do nosso trabalho de formação de quadros partidários. O número de militantes novos e politicamente bem dotados em nosso partido é insignificante. As mesmas pessoas se revezam na ocupação dos cargos de direção, com poucas exceções. É verdade que o trabalho de formação de quadros depende muito da existência de um ambiente de entusiasmo sadio e combatividade política dentro do partido. Mas, mesmo não existindo isso, deve ser ele tentado, por qualquer forma, porque sem renovação dos seus quadros especialmente os de direção, o partido tende a cair na rotina que levará à atrofia de suas organizações.

Há que apontar também a incapacidade de nosso partido, de utilizar todos os recursos de que dispõe, o que, naturalmente, está condicionado à falta de dirigentes capazes e dotados de uma noção de responsabilidade à altura das múltiplas tarefas que o exercício em cargo de direção exige sejam executadas. As tarefas não cumpridas, nos organismos partidários são em grande número e fato diário, sem que tenhamos criado um sistema de sanções morais, uma espécie de ética partidária ou emulação para o trabalho capaz de coibir esse grave e desmoralizante defeito de organização. O número de membros e simpatizantes do partido não é pequeno, mas faltam métodos de trabalho e capacidade na maioria dos órgãos de direção, para obter deles trabalho partidário, contribuições, propaganda e outros auxílios para o desenvolvimento da nossa organização.

Cabe, aqui, uma referência especial à atuação de nossos representantes nos órgãos legislativos. Parece-nos que o Partido poderia tirar proveito consideravelmente maior da atuação dos seus representantes, se outra fosse a orientação destes. As cadeiras de que dispõe o Partido no Parlamento ou nos legislativos estaduais e municipais, embora em número muito reduzido, são os melhores veículos de

propaganda dos princípios e pontos do programa socialista. Mas para que esses veículos de propaganda sejam aproveitados eficientemente, será preciso, a nosso ver, que os representantes socialistas se conduzam como minorias ativas representado com energia e decisão os interesses populares, dentro de órgãos legislativos reacionários, cheios de oportunistas e carreiristas vulgares, desmoralizados perante a opinião pública pela sua incapacidade, como são quase todos os existentes hoje nos pais. Isso não tem sido conseguido, a nosso ver, com poucas exceções, porque os nossos representantes se têm preocupado mais com a opinião que deles fazem seus pares do que com a opinião pública, ou têm se deixado levar pela ilusão de "melhorar" a atuação dos respectivos órgãos legislativos, pela intervenção deles, representantes socialistas, que, sob o ponto de vista numérico, das votações, é praticamente nulo.

Há que salientar, ainda, uma grande desarticulação reinante no partido, ainda, em âmbito nacional, que vem fazendo com que não se sinta a atuação dos socialistas em todo o país. A falta de uma Comissão Executiva Nacional eficiente, dotada de recursos propagandísticos no partido, muito se faz sentir entre nós. Essa deficiência só agora começa a ser corrigida, com o desenvolvimento do partido em outros Estados e especialmente com a publicação de vários jornais partidários, que nos põem em comunicação, uns com os outros, no Brasil todo, fazendo-nos sentir o partido crescendo e atuando em vários pontos do país. Mas falta, ainda, um centro coordenador e impulsor da atividade partidária à altura das exigências atuais.

Outras falhas e particularidades poderiam ser lembradas. Mas preferimos deixar a discussão mais minuciosa para outra ocasião, para abordar, desde logo, a nossa tarefa, que é o relatório crítico do trabalho da Comissão Executiva Estadual de São Paulo, no período de um ano que ora termina. Apenas, finalizando as considerações acima, queremos chamar a atenção dos companheiros do partido para a importância que devemos atribuir a estes exames críticos do nosso trabalho partidário, sobretudo agora em que entramos num período pré-eleitoral que deverá ser uma fase decisiva na vida do Partido Socialista Brasileiro. Sem um esforço inteligente de todos os militantes, no sentido de verificarem as debilidades dos respectivos organismos e estabelecerem os meios de corrigi-las, nosso partido não poderá enfrentar as próximas eleições devidamente aparelhado e, com isso perderemos a grande oportunidade que temos de conquistar posições decisivas.

(Do relatório da Secretaria-geral do C. E. Estadual, apresentado pelo com. Antonio Costa Carriá, à III Convenção Estadual de São Paulo).

VANGUARDA SOCIALISTA

Voltou a circular o órgão central do Partido Socialista, "Vanguarda Socialista" que, por motivos vários, teve

sua circulação paralizada há algum tempo. O reaparecimento desse órgão, de grande tradição na história da imprensa socialista do Brasil, constitui uma amostra do esforço que os socialistas vêm desenvolvendo no sentido de dotar o Partido Socialista de uma imprensa que possa levar suas palavras de ordem à massa operária e orientá-la no sentido de suas legítimas reivindicações.

FOLHA SOCIALISTA saúda, dessa maneira, mais um companheiro que se une à cadeia da imprensa socialista brasileira, na luta pelo Socialismo e pela Liberdade.

Notícias da IUSY

(Conclusão da 3.ª pag.)

ções socialistas no espírito da Juventude Iúda; 2) — Criar condições materiais, intelectuais e morais capazes de tornar os jovens de hoje, cidadãos de uma nova ordem social; 3) — Erradicar diferenças e divisões de casta; 4) — Acabar com a injustiça social e a desigualdade econômica; 5) — Servir às massas através de um trabalho construtivo e atividades de caráter cultural e educacional e 6) — Estender sua cooperação a todas as lutas populares.

OS JOVENS HOLANDESES E A LUTA NA INDONÉSIA

Por ocasião do ataque holandês contra a Indonésia, alguns jovens indonésios que estudavam em universidades holandesas, recusaram continuar recebendo suas bolsas de estudo do governo batavo. A organização socialista juvenil da Holanda, "Politica", lançou-se em uma campanha para recolher fundos suficientes para o sustento dos jovens indonésios. Apesar de contar apenas com 350 membros, "Politica" já conseguiu fundos suficientes para financiar os cursos de dois dos companheiros indonésios.

VICTOR FREIRE MOTTA

O J A B O T I

Darci o grande comentarista político à traço, lançou o "apelido" do partido que ainda não é mas certo que será o seu. Apresenta-o, nos seus folhetins-caricatura dominicais, sob a figura de um jaboti. Os membros do partido parece que concordam; aceitam a definição simbólica. O jaboti não será naturalmente, o símbolo oficial do partido, mas um emblema oficioso, um "apelido de família". Como nos Estados Unidos o Partido Republicano se faz representar por um burrico, e o Partido Democrático é o "partido do elefante", e cada um deles usa o seu símbolo extra-oficial.

Sim. Ai temos um partido que caminha lento mas firme e seguro.

O jaboti, na fábula brasileira, utilizada há tempos num desenho-animado de Walt Disney, ganhou a corrida para o coelho. O coelho confiou de mais na sua agilidade. Ficou todo o tempo do páreo flutuando do competidor, fazendo voltas na pista para trás, entrando pelos atalhos, navegando as pequenas, colhendo brótos dos arbustos, dando um "bale" no outro. Enquanto isto, mestre jaboti fazia ténaz e prudentemente a sua carreira no ritmo que lhe permitiam suas condições físicas. E somente quando ele já se aproximava da meta foi que o coelho fanfarrão se apercebeu disso. Vinha muito longe e cansado. E quem primeiro cruzou o disco final não foi o franco favorito, lépido e vaidoso, mas o azar absoluto, lento, mas seguro.

O partido do jaboti, não pode crescer em aluvião, como os falsos partidos da demagogia e do canalhismo, como os pseudo-partidos que vivem exclusivamente dos favores oficiais ou de dinheiros mal ganhos, aplicados na compra de votos e de "entusiasmos".

Cresce na medida em que difunde as suas idéias e conquista o apoio popular pelo seu programa e pela honestidade de sua ação. Cresce. Cresce lenta mas seguramente. Protege-o a sólida carapaca das convicções dos seus adeptos e da sua fidelidade ao seu programa e às suas normas de conduta. E viverá muito, terá a longevidade dos quelônios. Viverá até a construção do mundo socialista. Porque o mundo marcha para o socialismo. E o Brasil não há de ser bagageiro da História.

O Partido Socialista festejou há pouco, a sua data oficial, que é a data do seu documento inicial, o manifesto de lançamento da Esquerda Democrática.

Sessenta e três veteranos das lutas democráticas no Brasil, assinaram o Manifesto de 25 de agosto de 1945. Alguns deles ficaram pelo caminho. Uns porque chegaram à conclusão sincera de que haviam tomado um caminho errado, um caminho que não era o das suas verdadeiras idéias. Em 1945, toda gente

se dizia ou se julgava socialista. Era moda. Outros, porque avistaram perspectivas mais fagueiras para suas ambições do que o áspero caminho de um partido que tem por si apenas uma doutrina e a fidelidade dos seus militantes a essa doutrina. Foram poucos, duas dezenas, os que tomaram outros rumos. Substituíram nos milhares de novos combatentes em todo o país. Dois terços dos fundadores continuam. Onze deles pertencem ainda hoje à direção nacional do Partido. Num país onde tanta gente muda de partido com tanta ligeireza e tranquilidade, esse índice de coerência e constância é excepcional.

Comemorando o seu quarto aniversário, o Partido paupérrimo inaugurou sua sede própria, adquirida a prestações por um grupo de militantes. A custa de suas modestas economias individuais — uma demonstração a mais da sua dedicação e da sua confiança no crescimento do Partido, na vitória do movimento socialista no mundo e no Brasil.

OSORIO BORBA

Vida Partidária

COMISSÃO MUNICIPAL DO PARTIDO, NA CAPITAL DE ESPÍRITO SANTO :

A Comissão Executiva Municipal da cidade de Vitória, Espírito Santo, recentemente eleita, ficou assim constituída: Presidente — Eugênio Lindemberg Sette; secretário-geral — Nilo Martins da Cunha; secretário — Mozart de Barros Haddad; tesoureiro — Evandro Domêni Miranda; secretário de propaganda — Renato Pacheco; secretário de arrecatação — José Leão Nunes; secretário sindical — José Leis Horta; secretário de educação e assistência — Geraldo Alves; secretário de finanças — Wilson Borges Miguel.

Comissão Municipal de Ourinhos

Foi aprovada pela Comissão Estadual a nova Comissão Municipal provisória de Ourinhos, a qual ficou assim constituída: presidente, João Ferraz de Oliveira; sec. geral, Silvio Correia da Silva; sec. sindical, Orlando Franco; sec. propaganda, Reginaldo Monteiro; tesoureiro, Benedito Pedro da Silva.

Visitas à Sede

Estiveram recentemente em visita à sede do partido, nesta Capital, os companheiros Pedro Tailá e Luciano Lipira, da Comissão Municipal de Ribeirão Preto, e Henrique Soria, presidente da C. M. de Florida Paulista.

BALANCETE DE "FOLHA SOCIALISTA EM 31-7-49	
Saldo em 30-6-49	1.504,70
Contribuições	5.200,00
Capital	1.000,00
Jau	205,00
Campina Grande	400,00
Total	8.339,70
DESPESA	
Tipografia (n.º 29 e 30)	7.000,00
Idem - faixas	260,00
Ordenados	600,00
Remessa (n.º 30 e 31)	434,00
Total	8.294,00
SALDO em 31-7-49	45,30
BALANCETE DE "FOLHA SOCIALISTA" EM 31-8-49	
Saldo em 31-7-49	45,30
Contribuições	8.000,00
Cubotão	40,00
Capital	1.000,00
Curitiba	200,00
Assinaturas	100,00
Anúncios	440,00
Total	9.825,30
DESPESA	
Tipografia (n.º 31 e 32)	7.000,00
Ordenados	600,00
Remessa (n.º 32 e 33)	425,60
Despesas adm.	106,00
Total	8.131,60
SALDO em 31-8-49	1.693,70

Ecos da III Convenção...

(Conclusão da 7.ª pag.)

No setor administrativo há dois assuntos importantes ou, melhor, de importância básica: a eficiência das repartições e do funcionalismo e uma acertada orientação financeira. Do primeiro depende não só a ação segura do governo, como a remuneração dos próprios funcionários. Na orientação financeira cabe dar a devida ponderação tanto à teoria ortodoxa do equilíbrio, na administração rotineira, como às idéias modernas de menor timidez, na consideração, dos grandes empreendimentos básicos e reprodutivos do Estado. Uma vez controlados os programas sob os pontos de vista técnico, bolsista e fiscal, podem eles aspirar a um importante papel no nosso reequilíbrio econômico, no ataque aos planos regionais, às medidas de longo alcance como a eletrificação, as estradas de rodagem etc. O setor industrial, embora complementar e aparentemente sujeito a precauções especiais de seleção e coordenação, importa muitíssimo hoje, para elevarmos o País acima do estado de economia-colonial ou semi-colonial, em que jaz. A agricultura, pelas dificuldades da concorrência tropical africana, asiática e polinesia, pela pequena mecanização de que é susceptível, requer o complemento industrial, onde a máquina multiplica extraordinariamente o esforço humano. Não igno-

ramos os embaraços decorrentes do nosso atraso técnico, embaraços consideráveis no comércio externo, mas até certo ponto conserváveis por um equilibrado planejamento interno. Os Estados Unidos são um exemplo clássico de prosperidade repousando sobre um predominante mercado interno. Com pequeno sacrifício de custos e preços, o equilíbrio interno será obtido, por mercê do trabalho que as indústrias proporcionarão à nossa mão-de-obra.

Terceiro setor econômico é o transporte e, neste, avulta o rodoviário. Sabido é, entretanto, que hoje a própria organização do serviço, do programa e da tributação atinente, impede os governos estaduais a uma ação mais intensa do que antigamente. Devido sobretudo à repartição da taxa sobre combustíveis líquidos e a ação federal, e não a qualquer merito próprio, explica-se por exemplo, o atual desenvolvimento rodoviário estadual, que certamente terá de prosseguir, em moldes porém mais racionais e objetivos, evitado os critérios puramente políticos e eleitorais, que ultimamente têm anarquizado o plano estadual.

Sobre o alicerce constituído pelas realizações econômicas, com o auxílio do instrumento que será uma burocracia eficiente e cientificamente dirigida, apoiado e ga-

rantido por uma finança segura, surgirão hierarquicamente, em seguida, os capítulos de cupula; a educação, a higiene, o ensino universitário, a assistência hospitalar e social, a segurança, o esporte e as diversões, a proteção às artes e aos estudos.

Não estou, todavia, nem o momento o permitiria, fazendo uma exposição programática. Converso apenas, convosco, membros do Partido Socialista e elementos do povo, numa troca preliminar de idéias, à qual peço oportunamente a bondade da vossa colaboração. Iniciei, talvez pela primeira vez no país, numa campanha eleitoral, o hábito destas palestras despretensiosas de contacto. Para ela não trago arrebatamentos de eloquência, nem doutrinas abstratas edificadas, nem promessas. Trago explicações simples, abaixo da mentalidade erudita e especializada de muitos ilustres membros do partido, mas bem ao alcance dos cidadãos anônimos, que ouvem curiosos pelo dia de amanhã e pelos homens que irão escolher ou recusar. Desta norma não pretendo me afastar, porque não aspiro a uma chefia, mas a um mandato.

A investidura de candidato, que hoje recibo do Partido Socialista Brasileiro, honra-me sobremaneira, e tanto mais quanto assaz conhecido é o rigor de seus processos e a dignidade de suas apreciações. Deixo aqui consignado o meu agradecimento e a confiança na vitória da causa comum".

ECOS DA III CONVENÇÃO ESTADUAL DE S. PAULO

Na sessão solene de encerramento da III Convenção Estadual do Partido Socialista, seção de São Paulo, o comp. Plínio Gomes de Melo pronunciou entre outras, as seguintes palavras de saudação ao sr. Prestes Maia cuja candidatura a convenção socialista havia homologado:

"Cumpro a grata missão de saudá-lo, em nome da Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro. Desejo fazê-lo, carente, com a singularidade de palavras que nós, socialistas, costumamos empregar em nossas relações entre companheiros e que se também ser do vosso agrado pessoal. Não farei, por isso, o elogio de vossa personalidade, por demais conhecida do povo de São Paulo, nem tecerei loas à vossa obra administrativa à frente da Prefeitura desta grande cidade, pois seria isso repetir o que toda gente sabe. Quero, apenas, ressaltar, neste breve discurso, os motivos que levaram o Partido Socialista Brasileiro, pela sua seção paulista, a dar o seu apoio ao vosso nome, como candidato ao governo do Estado de São Paulo, e, ao mesmo tempo, encarecer o que isso significa para a democracia e para as idéias socialistas que defendemos.

Afora a inegável popularidade do vosso nome, condição essencial para a disputa de tão elevado cargo, três fatos contribuíram, de modo decisivo, para a resolução que tomamos: 1.º) o caráter extra-partidário de vossa candidatura, lançada em praça pública, através de expressiva subscrição popular; 2.º) a seriedade de vossa conduta de homem público, incapaz de transigir com o filitismo político-partidário e com interesses escusos, no que se refere à aplicação dos dinheiros do povo; 3.º) as idéias gerais expostas no vosso primeiro discurso de candidato e desdobradas, posteriormente, na campanha que vides realizando pelo interior do Estado.

O caráter extra-partidário de vossa candidatura, para um partido como o nosso, que desfralda um programa de transformações econômicas e sociais que se chocam com o regime em que vivemos e com o programa da maioria dos partidos que o sustentam, dá-nos a garantia, pelo menos, de que não estais preso a compromissos políticos que vos impeçam de acolher, sendo as suas idéias fundamentais, pelo menos aquelas que representam necessidades inadivéis das massas populares e que não se devem, não precisam ser realizadas no atual regime.

A seriedade de vossa conduta, para nós, socialistas, tem uma significação excepcional, sobretudo nas tristes condições de dissolução dos costumes políticos que atravessamos, pois representa uma segurança de que a vossa palavra não significa uma simples promessa, mas a certeza de que será cumprida. Finalmente, as idéias gerais expostas no vosso programa de candidato, particularmente no que se refere ao cumprimento das liberdades democráticas consagradas na Constituição: respeito aos direitos civis e políticos do povo e execução no Estado de São Paulo

da legislação protetora do trabalhador, além daquelas que se relacionam com o desenvolvimento das forças produtivas da economia paulista e com a melhoria das condições de vida e de trabalho das massas populares, correspondendo ao nosso programa mínimo, não poderiam deixar de merecer o nosso acatamento.

Na atual conjuntura política de São Paulo, em que vemos, de um lado, um governo que transformou a coisa pública em propriedade privada, movimentando os dinheiros públicos a seu belprazer, sem o menor respeito pela lei e pelos devidos poderes do Estado, e, de outro lado, uma desorientação político-partidária que estimula tais desmandos e até certo ponto os justifica, só mesmo um homem da vossa integridade moral será capaz de polarizar como está polarizando na realidade a opinião do povo paulista, para a reconquista de prerrogativas elementares na vida pública e que se impõe, cada vez com mais força, entre nós.

Logo o seguir, disse o comp. Plínio Mello: "As populações do interior do Estado, por sua vez, que nem gozar das prerrogativas da civilização moderna já incorporadas ao patrimônio das populações urbanas. Querem assistência econômica, técnica, financeira, médica, e educacional, afim de poderem melhorar seu padrão de vida e contribuir com a sua produção para reduzir as dificuldades de consumo de gêneros alimentícios dos grandes centros urbanos.

E, porque tendes uma compreensão desses problemas que é raro encontrar-se em candidatos a postos de governo, entre nós, não é demais proferirmos que eles vão ter a solução que há muito espera o povo paulista.

Doutor Prestes Maia: somos um pequeno partido que se orgulha do grande programa que defende. Não escondemos os nossos objetivos finais, nem procuramos iludir a quem quer que seja tais propósitos. Lutamos por uma nova ordem social em que o produto do trabalho coletivo não reverta em benefício apenas de uma insignificante minoria de privilegiados, mas, sim, da grande maioria dos que produzem. Mas, na luta em que estamos empenhados contra o capitalismo, não pretendemos relegar a plano secundário nem aquelas conquistas, nem aqueles métodos de ação que constituem o patrimônio histórico de nossa civilização. Por isso mesmo, sustentamos nossa luta através de processos democráticos e somente através da democracia pretendemos atingir o poder. Não compreendemos socialismo sem liberdade, embora entendamos também que a verdadeira liberdade só poderá ser encontrada no regime socialista. Entretanto, lutando pelo socialismo como supremo objetivo, não descaramos um só momento das necessidades imediatas e vitais do povo trabalhador. Não somos partidários daquela filosofia negativista e suicida do tanto pior, melhor. Justamente porque consideramos o socialismo um regime de superação das misérias e iniquidades que campeiam no atual regime, não podemos admitir o seu advento sendo através de uma elevação constante e gradual das condições de vida e de cultura das massas populares. Daí, nosso programa mínimo, onde se encontram articuladas as principais reivindicações que atendem a esse período de transição entre os dois regimes. A maior parte delas pode ser realizada sob o capitalismo. Confiamos em que o vosso governo

seja capaz de demonstrá-lo. E, por que assim pensamos, é que vos apoiamos. Nossos compromissos são, pois, com a vossa candidatura, pelo que nos merece a vossa personalidade de homem público e pelas idéias de governo que programastes como candidato. Lutando ao lado de outros partidos pela vitória de vossa candidatura, não condicionamos nosso apoio a uma aliança formal, na base de um programa comum, com esses partidos. Isso não quer dizer que não estejamos dispostos a trabalhar juntos e juntos lutarmos pela vitória de uma causa que não é deste ou daquele partido,

nem mesmo vossa, mas do povo de São Paulo.

Mas, apoiando vossa candidatura, com toda decisão e entusiasmo, queremos deixar também suficientemente claro, Dr. Prestes Maia, que não o fazemos visando postos de governo, nem sinecuras de qualquer espécie. Sem fugir à responsabilidade de per tal atitude, decorrente desta que avulta de importância em face do programa socialista que defendemos, nenhuma exigência temos a fazer seno aquela, decorrente dos próprios compromissos políticos que, juntamente convosco, assumimos perante o povo, de libertá-lo do am-

biente de corrupção e miséria e que está chafurdado, melhorando suas condições de vida e de trabalho e lhe descortinando novas perspectivas de liberdade e justiça social.

Com estas breves palavras de saudação, em nome da Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro, desejo assegurar-lhe, que, apesar de serem ainda reduzidos os nossos quadros partidários, vamos empregar-nos a na campanha, por que possamos estar à altura do candidato que escolhemos e das aspirações necessidades do povo de São Paulo.

O discurso do sr. PRESTES MAIA

"Meus senhores. — Comparecendo hoje nesta assembleia, não cumpro apenas um dever protocolar, de agradecer à honrosa investidura política com que me distinguiu o Partido Socialista Brasileiro. Obedeço, sobretudo, ao impulso e imperativo, que leva todos os homens de bem e cidadãos sinceros, à conjugação de esforços no campo das idéias e dos objetivos comuns ou afins, campo extremamente vasto por diversos que sejam os partidos e as ideologias.

E aqui compareço sozinho, como elemento médio do povo, sem representar um grupo, sem revestir-me sequer, para a interrogação de despondida de alguns, dum "ismo" qualquer, que me pudesse qualificar. Em vez dessa etiqueta de herbario, tenho trazido apenas comigo duas credenciais: uma, trinta e três anos de vida pública e cita de ação administrativa no mais difícil período político da nossa terra; outra, minhas intenções, modestas por certo, mas honestas, já enunciadas em numerosos artigos, discursos, palestras e, ainda, resumidas em programa lido na convenção de 7 de maio deste mesmo ano. Salvo o meu "ismo" de valor puramente lexicográfico, tinha aí tudo o que realmente vos podia interessar.

Essas credenciais, vós as aceitastes, e graças vos rendo, porque isso mostra como a compreensão ainda não desamparou o mundo, e porque sobre ela ainda poderemos construir o edifício do nosso futuro.

Tenho, e sempre tive, no mais subido conceito, a ideologia socialista. Desde os primórdios da meditação humana, desde os fantasmas antigos e os sistemas utópicos, até as formas recentes mais científicas e realistas, não só ela encerra verdades importantes, na gança das incertezas e enganos a que não escapa nenhuma doutrina humana, como através dela perpassa e senta-se tantas vezes o sopro das idéias mais elevadas de liberdade e amor.

Com uma consciência e determinação, que tantos partidos desconhecem na desorientação e incerteza comum dos nossos dias, o socialismo envereda hoje para uma reestruturação social e econômica, que lhe proporciona critérios bem determinados de ação, mesmo aos seus objetivos imediatos. Avulta, entre eles, o encaminhamento dos recursos e das atividades não para o lucro descontrolado, mas para o serviço e bem da humanidade. Avulta ainda o cuidado crescente pelas numerosas formas de assistência, desde a escolar e sanitária, até as econômicas e securitárias. Por outro lado, os meios pacíficos, graduais, metódicos e cientificamente estudados, legais e democráticos, revelam o caráter altamente civilizado dos seus processos de efetivação. E (porque não dire-lo?) os ideais socialistas há séculos têm-se espalhado pelo mundo, penetrado

as doutrinas e mentalidades, têm sido assimiladas, adotadas e adaptadas sob tantos formas, que hoje torna-se impossível apontar onde corre qualquer linha de separação nítida das ideologias chamadas conservadoras. A interpenetração e a imose de idéias e pontos de vista é um processo tão poderoso, que se verifica, aos poucos e insensivelmente, até com as formas mais extremadas. Ainda há pouco o verificamos, ao falhar o livrinho dum professor norte-americano, "O impacto dos Soviéticos sobre o mundo ocidental", de cativante leitura. E tal processo, pacífico, mais eficaz e rápido entretanto do que se poderia supor, elimina os choques, evita as perdas decorrentes, atenua os exageros, corrige os erros, adapta entre si as coisas, a tal ponto que a mente depois se espanta, da evolução realizada e que, sob os nossos próprios olhos, está por vezes invisivelmente se realizando, sem conflitos.

Mas qual a força secreta dessa evolução admirável e quase milagrosa?

Essa força é simplesmente a democracia, pois são os processos democráticos bem entendidos os que tal têm permitido. A democracia oferece-nos tantos aspectos e parmenores anedóticos, que nos arriscamos a não perceber o que nela há verdadeiramente de fundamental e, nos tempos que correm, de preciso e garantidos para o progresso humano.

Não nos estenderemos porém em considerações ideológicas. Não represento, como disse, um partido; não sou, como sabem, um doutrinador, e, se desconfo dos professores, nunca aspirei a ser um deles; minha candidatura não visa o supremo posto federal, onde o ambiente ideológico é maximo e onde dominam as doutrinas substantivas. No nosso campo, meramente estadual, a ação e os programas têm de se amoldar à estrutura nacional, por mais sugestivos que pretendam ser, e a nossa legislação terá de limitar-se ordinariamente aos fatos regionais, aos aspectos adjetivos ou processuais, e aos assuntos que a União acaso não haja para si expressamente se reservado.

Por isso não me estenderei, como outros costumam, em divagações e promessas inoacuas, mas de tanto feito democrático. Também tendo já exposto, em convenção idéias, aproveitarei a ocasião apenas para acentuar alguns pontos de maior oportunidade. Observo ainda que os programas de governo, na nossa estrutura democrática caracterizada pelos Partidos e pelas câmaras legislativas, possuem apenas valor dum intenção geral, sujeita à influência preponderante dessas forças, já não falando da colaboração técnica das repartições públicas e dos órgãos profissionais, científicos e de classe.

Como premissa superior a qualquer programa, ostenta-se logicamente o respeito aos direitos fundamentais do homem e do cidadão, consubstanciados na Constituição. Sem a superstição da intangibilidade das cartas magnas, que a mentalidade latina quase criou em contraste com a praxe anglo-norte-americana, não podemos todavia compreender a levandade de restrições, projetadas ou de fato, às garantias fundamentais e mínimas ali contidas. Pelo contrário, em complemento às medidas aí e na legislação superior da República já incluídas, cabe concretizá-las e estendê-las. Referir-me-ei, a título exemplificativo, aos direitos do trabalhador rural. Subtraídos estes, se não intencionalmente, ao menos pelas dificuldades de efetivação, da legislação trabalhista, impõe-se hoje a retomada do assunto, seja para a justa equiparação, seja para uma conveniente adaptação às suas condições especiais. Sabemos que o trabalho dos campos segue, por hábitos e motivos naturais, a normas assaz diversas das dos serviços urbanos e industriais; a precariedade econômica das nossas fazendas é outra razão sempre invocada e justa dentro de certos limites. Não obstante, a justiça e o próprio interesse geral, de conter o exodo rural, conduzem à reconsideração desse magno problema, enquadrável em moldura ainda mais ampla de reformas, assistência financeira e melhoramentos técnicos.

Passando das premissas aos capítulos fundamentais desse programa, direi que três se salientam em primeiro plano: a moralização e elevação dos nossos costumes políticos, a melhoria e eficiência da nossa máquina administrativa e fiscal, e o estabelecimento dum forte economia básico, industrial e sobretudo agrícola.

Sobre o binário lavoura-indústria repousarão o bem estar do povo, a organização governamental a burocrática, o desenvolvimento da riqueza geral, e as próprias garantias trabalhistas, doutro modo condenadas a condição de promessas verbais e demagógicas. E' dentro as medidas condizentes com tal ponto do programa, temos sempre apontado em primeiro lugar a necessidade de financiamento fácil e barato. Seguem-se a assistência técnica, o fornecimento de adubos, inseticidas e sementes, o proporcionamento da terra aos pequenos trabalhadores nos casos em que não haja contraindicacão etc. Merece particular relevo o cooperativismo, como meio social e economicamente recomendável de ação, sejam, com os cuidados necessários, as de produção, sejam ainda os outros fatores primários ou de segundo grau,

NACIONALISMO NA "SANTOS - JUNDIAI"

Em outubro de 1946 a "São Paulo Railway" foi encampada pelo governo federal. Muita gente viu nisso um grande ato nacionalista da general Dutra, que estava se opondo a interesses imperialistas ingleses. Outros exageraram no negócio uma grande bandeira porque, segundo se dizia, a estrada estava em decadência, com seu material gasto, e o preço da desapropriação fora fixado em bases muito altas. O fato é que a "São Paulo Railway", uma das principais estradas do país, porque dá escoamento a toda a produção cafeeira de São Paulo para o porto de Santos, passou para as mãos do Estado sob o nome de "Estrada de Ferro Santos-Jundiaí". E, assim "nacionalizada", a estrada passou a ter uma administração de ilustres cidadãos brasileiros, em lugar dos antigos prepostos dos imperialistas ingleses.

Mas, o que se passou, então, é um exemplo bem claro e vivo da que representa a nacionalização pura e simples de uma empresa, para os trabalhadores empregados desta. Os ferroviários da Santos-Jundiaí estão hoje sentindo, duramente, na própria carne, o que significa a passagem da propriedade de uma empresa qualquer das mãos dos capitalistas particular para as mãos do Estado.

Antes da encampação, a situação dos ferroviários não era boa. A S. P. R. era uma empresa capitalista como outra qualquer e os seus administradores eram técnicos em fazer "render" o mais possível, e com um mínimo de gastos, o trabalho do pessoal empregado na estrada. Mas, pelo menos, sabiam disfarçar um pouco a exploração, com uma certa habilidade na direção dos serviços e com algumas medidas que proporcionavam aos trabalhadores da estrada a ilusão

de um tratamento mais humano do que o comum, por parte do patrão.

Com a encampação e a instalação de uma administração "nacionalista", designada pelo governo federal, a situação mudou. Os novos administradores naturalmente trataram de fazer severos economias porque a estrada já não mais pertencia a particulares e sim ao Estado. Além disso, a situação econômica da empresa não era boa e medidas drásticas se faziam necessárias para compensar a liberalidade do alto preço pago pela encampação. Trataram, portanto, de cortar no lugar mais fácil onde os capitalistas sempre vão buscar os aumentos de suas rendas e a base para as suas "economias": — a mão de obra. Primeira medida: — não conceder mais aumento algum de salários aos empregados da estrada em geral (naturalmente excluídos os altos funcionários, que precisam ser bem pagos, além de manterem em bom funcionamento a máquina de exploração capitalista da empresa). Segunda medida: — aproveitamento "racional" do pessoal, quer dizer, intensificação do rendimento da força de trabalho

de cinco empregados como, por exemplo, as manobras, passaram a ser feitas em turnos de quatro ou três, Terceira medida: — supressão de vantagens e regalias aos empregados e imposição de severo regime de disciplina. E assim por diante.

Anteriormente à encampação, os ferroviários mensais recebiam seus salários conforme o número de dias úteis do mês, assegurada um mínimo de 25. Quer dizer, se o mês tinha 26 ou 27 dias úteis, recebiam eles o salário correspondente a esse número de dias de trabalho. Depois da encampação passaram a receber somente os vinte e cinco dias, o que representava a perda de um ou dois dias de salário por mês. Antes da encampação os empregados da estrada possuíam "posse-livre", isto é, podiam viajar livremente em trens da empresa, sem pagamento algum. A nova administração suprimiu esta regalia. Antes da encampação, os trabalhadores que faziam serviços ao ar livre, sujeitos às intempéries, possuíam capas de barracão, torcedores pela estrada, que eram trocados de seis em seis meses. A

nova administração suprimiu o fornecimento de capas, utilizando-se os ferroviários presentemente, das mesmas que possuíam. Há mais de dois anos, muitas das quais já se tornaram imprestáveis. E assim muitas outras medidas de "economia" foram tomadas, recaindo todas sobre as costas dos trabalhadores.

A situação foi, ainda, agravada com a introdução de novos regulamentos disciplinares, em estilo militar. As faltas e atrasos ao serviço passaram a ser punidas severamente. Foram proibidas as censuras e críticas à administração da estrada, por parte dos ferroviários, sob pena de advertência, suspensão e demissão do emprego. Os chefes de serviços e de turnos receberam ordens no sentido de "apertarem o pessoal". Novos altos funcionários

foram introduzidos na estrada, com grandes ordenados, cheios de vontade de mandar e de "fazer carter" perante as autoridades governamentais, à custa dos ferroviários da Santos-Jundiaí. A administração da estrada pretende, segundo se diz, reduzir o pessoal de um terço, conservando os mesmos serviços e até ampliando-os. Se isso for conseguido, naturalmente, os administradores receberão elogios do governo, passarão por patriotas dedicados. Mas isso representará um reforço drástico da exploração dos trabalhadores da empresa, que terão de trabalhar muito mais, sem aumento de salário algum.

O ambiente na Santos-Jundiaí é de grande descontentamento. A surda revolta que larva entre os ferroviários, pelo regime de exploração.

(Continúa na 4.a pag.)



Lutemos pela Democracia Socialista

O "Workers Party" dos Estados Unidos, um dos pequenos agrupamentos socialistas existentes nos Estados Unidos, tomou importante resolução em seu último congresso, realizado em abril do corrente ano. Após o relatório feito por Max Shachtman, do Comitê Nacional, resolveu adotar novas posições políticas e organizatórias.

Compreendendo que, no cenário norte-americano, é de toda inutil a existência de um agrupamento PARTIDÁRIO, com um programa rígido, constituindo uma quase que seja exotérica, os socialistas do "Workers Party" abandonaram a estrutura partidária e lançaram-se a uma tarefa mais árdua, qual seja a reunião de todos os socialistas america-

nos sob a bandeira de uma declaração de princípios ampla e decidida, possibilitando o ingresso no movimento de todos quanto visam lutar pela democracia socialista. Fundado a "INDEPENDENT SOCIALIST LEAGUE", os companheiros socialistas do antigo "Workers Party" lançaram a seguinte proclamação, definindo as posições do

dos meios de produção significava a apropriação pelo povo associado, através de um governo democraticamente constituído pelos trabalhadores e democraticamente controlado pela massa trabalhadora.

Não a reforma do capitalismo mas a sua substituição por uma democracia socialista: este é o objetivo.

2. — Socialismo vs. Stalinismo
O socialismo independente está empenhado em uma luta militante contra o capitalismo, mas não tem nada em comum com o Stalinismo, quer seja o despotismo russo, ou os agentes do Kremlin chamados em cada país, o Partido Comunista.

O stalinismo russo é o fim de uma contra-revolução que teve lugar no país onde a primeira bem sucedida revolução operária, sob a direção de Lenin e Trotsky, trouxe esperanças de libertação para milhões de oprimidos. A Revolução Russa de 1917 foi completamente destruída. Nada resta dos seus ideais, ou de suas instituições, ou de sua política... (Continúa na 4.a pag.)

A Proteção aos Esportes e o Partido Socialista

Assinada pelo compatriota Alípio Corrêa Neto, presidente da Comissão Estadual do Partido Socialista Brasileiro foi distribuído à imprensa o seguinte comunicado:

O Partido Socialista Brasileiro dá o seu inteiro apoio à atitude do vereador Cid Franco na discussão do intitulado projeto de proteção aos esportes.

Concorda com as palavras do seu representante, quando afirma que o profissionalismo no esporte é um processo de valorização de elementos que deverão ter, como profissionais do esporte, os direitos e garantias de todos os trabalhadores.

O Partido Socialista é pela criação de estádios municipalizados ou socializados, pelo apoio do poder público ao desenvolvimento da vida esportiva, pelo auxílio a associações esportivas proletárias, que lutem com dificuldades.

Verificado, porém, o caráter político do projeto n.º 234, que, rejeitada a moralizadora emenda do vereador Cid Franco, dará ao prefeito a possibili-

dade de formar, a seu bel prazer, a Comissão Municipal de Desportos, encarregada de distribuir, anualmente, cerca de 30 milhões de cruzeiros; provada a precipitação da maioria dos vereadores na concessão de enormes benefícios a alguns clubes privilegiados; provado ainda que alguns desses clubes anunciaram pela imprensa a prática de um jogo de azar em suas sedes ou dependências, o Partido Socialista se manifesta inteiramente solidário com o vereador Cid Franco na sua crítica do projeto.

Reconhece o Partido Socialista a necessidade e utilidade de uma lei de verdadeiro amparo ao esporte e lamenta que o projeto ora em curso não responda às verdadeiras necessidades e aspirações dos esportistas, uma vez rejeitadas as emendas do vereador Cid Franco, que tinham por objetivo impedir a transformação do projeto em arma política, sobretudo nas mãos de um prefeito não eleito pelo povo, como é o de São Paulo".

Socialismo independente

1. — Socialismo e Reformas

Os socialistas independentes acreditam de todo coração na luta que o movimento operário trava em favor de maiores "reformas" sob o regime capitalista — isto é, na luta pelo imediato e necessário aumento de salários, por melhores condições de serviço, por direitos sem limites aos sindicatos, por todas as liberdades democráticas, contra o racismo etc. a lista é muito comprida.

Não apenas acreditam, como consideram que nenhum socialista está cumprindo com seu dever se não se colocar na primeira linha dessa luta, como um militante sindical, como um lutador ativo de cada uma das lutas do povo.

Mas não acreditamos, os socialistas independentes, que, através de tais reformas, o regime capitalista possa ser transformado em um sistema que funcione em benefício das massas trabalhadoras — sobretudo, não acreditamos que através de tais reformas o regime capitalista possa ceder lugar ao socialismo.

Acreditamos na luta por essas reivindicações imediatas (reformas), porque o povo tem necessidade delas e precisa lutar por elas, mesmo sem considerar o quanto se pode obter delas sob o regime capitalista. E porque através delas — e de um modo geral, apenas através delas — o povo aprende que o capitalismo deve ser abolido se o povo realmente deseja realizar seus mais íntimos anseios.

A abolição do capitalismo, isto é, a abolição do sistema do lucro sob o qual as minas e as fabricas e todos os meios de produção são pos-

suidos por uma classe que vive à custa da produtividade do trabalho alheio, uma vez que vive do trabalho dos empregados de suas fabricas e fazendas, esta a meta a ser alcançada.

O Socialismo significa a substituição desse sistema pela apropriação coletiva dos meios de produção — isto é, a escova de dentes, as toninhas ou o carro da família, porque essas são formas de propriedades não usadas para a exploração do trabalho humano.

Para os socialistas independentes, a apropriação coletiva

UNIFICADOS OS SOCIALISTAS ITALIANOS

As conversações que há algum tempo se vinham realizando entre os representantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Italianos (liderado por Giuseppe Saragat), do Movimento Socialista Autonomista (chefiado pelo senador Giuseppe Romita, o qual há poucos meses abandonou o PSI de Pietro Nenni) e do União dos Socialistas Italianos (liderado por Ivan Matteo Lombardo e Ignazio Silone), no sentido de unificar, congregando-os num só partido, as forças socialistas italianas que se opõem à política russa, chegaram no princípio ao resultado desejado.

Numa das últimas reuniões desses representantes, realizada em Roma recentemente, concluiu-se um acordo de princípio sobre a maioria dos pontos discutidos, o mais importante dos quais se referia ao nome do

futuro organismo, que deveria ser o Partido dos socialistas italianos. Chegou-se também a um resultado positivo quanto ao programa e ao estatuto do novo partido.

Os representantes das diversas correntes socialistas italianas (que representam mais de 60 por cento do antigo corpo do Partido Socialista Italiano), reuniram-se posteriormente a fim de definir os termos do acordo de unificação e regularizar questões de pormenor ainda em suspenso.

Uma nota oficial agora divulgada pelo Comitê anuncia que foi concluído o acordo entre Saragat, Silone e Romita, fundindo-se num só organismo todas as correntes, que passam assim a constituir uma força mais poderosa, inclusive do ponto de vista eleitoral, que o Partido Socialista Italiano, de Nenni.